

# Os medias e o conflito político-militar em Moçambique:

## A orientação para a paz e o conflito nos jornais Savana e Domingo

Ernesto Nhanale<sup>1</sup> e Armando Nhatumbo<sup>2</sup>

### Resumo:

O conflito político-militar tem sido um dos problemas que mobilizam grande parte dos esforços dos diversos actores sociais em Moçambique, definindo-se como uma das principais prioridades das problemáticas a serem ultrapassadas para a estabilização política e o desenvolvimento social e económico do País. Tal como os diversos sectores da sociedade são chamados a contribuir para a pacificação do País, os media, no âmbito função de informar sobre os factos importantes do conflito, são, muitas vezes, associados e responsabilizados pelo conhecimento público sobre os acontecimentos do conflito, impondo-se uma maior responsabilidade e observância dos padrões de profissionalismo nas reportagens que produzem. É neste quadro que este texto oferece algumas contribuições sobre a orientação do jornalismo em Moçambique na cobertura do conflito político-militar entre o Governo e a Renamo, entre 2013 e 2016. Numa amostra de reportagens publicados entre 2015 e 2016 nos jornais semanários Savana e Domingo, os autores avaliam a maneira como os dois jornais orientam a sua cobertura, questionando até que ponto a sua acção foi orientada para um debate promotor da paz, através de reportagens que respondam a uma informação baseada nos princípios de veracidade e de equilíbrio sobre os acontecimentos e as partes em conflito; ou para um debate promotor do conflito, na medida em que publicam informações manipuladas, baseadas em padrões que valorizam a propaganda e em julgamentos que valorizam ou desvalorizam as partes em conflito.

Palavras-chave: Media, Conflitos, Paz, Moçambique.

---

<sup>1</sup>Professor de Media e Jornalismo na Escola Superior de Jornalismo (ESJ) e na Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane (ECA/UEM). Para além da sua actividade de docência, Ernesto C. Nhanale é pesquisador do Centro de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (CEC), possuindo actividades relevantes de investigação sobre os media e política em Moçambique.

<sup>2</sup>Armando Nhatumbo é jornalista, licenciado em jornalismo na Escola Superior de Jornalismo, estando a desenvolver a sua actividade de iniciação à investigação sobre a cobertura dos media em conflitos.

# Media and the political-military conflict in Mozambique:

## The orientation towards peace and conflict in the newspapers Savana and Domingo

Ernesto Nhanale<sup>1</sup> e Armando Nhantumbo<sup>2</sup>

### Abstract:

The political-military conflict has been one of the problems that mobilizes much of the efforts of the various social actors in Mozambique, defining itself as one of the main priorities of the problems to be overcome for political stabilization and the social and economic development of the country. As the various sectors of society are called to contribute to the pacification of the country, the media, within the scope of reporting on the important facts of the conflict, are often associated and held accountable for the public knowledge about the events of the conflict, a greater responsibility and observance of the standards of professionalism in the reports they produce. It is within this framework that this text offers some contributions on the orientation of journalism in Mozambique to cover the political-military conflict between the Government and Renamo between 2013 and 2016. In a sample of reports published between 2015 and 2016 in the weekly newspapers Savana and Sunday, the authors evaluate the way in which the two newspapers orient their coverage, questioning the extent to which their action was directed towards a debate promoting peace, through reports that respond to information based on the principles of truth and balance on the events and the parties to the conflict; or to a conflict-promoting debate, insofar as they publish manipulated information based on standards that value propaganda and on judgments that value or devalue conflicting parties.

Keywords: Media, Conflicts, Peace, Mozambique.

---

Professor de Media e Jornalismo na Escola Superior de Jornalismo (ESJ) e na Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane (ECA/UEM). Para além da sua actividade de docência, Ernesto C. Nhanale é pesquisador do Centro de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (CEC), possuindo actividades relevantes de investigação sobre os media e política em Moçambique.

Armando Nhantumbo é jornalista, licenciado em jornalismo na Escola Superior de Jornalismo, estando a desenvolver a sua actividade de iniciação à investigação sobre a cobertura dos media em conflitos.

## Introdução

Graças às suas características tecnológicas, os media têm assumido um papel importante na sociedade, sendo associados à função de informar, educar e servir, como um espaço de debate público de ideias. O exercício destas funções faz com que os media sejam actores centrais na sociedade, sobretudo pela sua capacidade de definir e agendar temas que podem moldar as percepções da sociedade (McCombs, M. 2009). Estas funções transformam os media em instituições relevantes para a vida política, económica e cívica, devendo, por esta via, a sua actividade ser orientada por princípios de veracidade, imparcialidade, produção e disseminação de informações.

Esta exigência de veracidade e equilíbrio da informação surge como forma de reduzir as possibilidades de manipulação dos media, sobretudo em contextos em que a sua actividade tende a ser objecto de controlo por diversos grupos de elites económicas e políticas que, a partir do seu trabalho, pretendem influenciar a opinião pública.

Os conflitos, sob as suas diversas vertentes, fazem parte dos principais assuntos que, pela sua natureza, os media cobrem com maior interesse e que podem constituir matéria de distorção devido aos interesses que se podem estabelecer entre os profissionais dos media e as partes em conflito. Conforme será ilustrado, dois factores são importantes para compreender a importância da cobertura dos conflitos e o risco da sua distorção: por um lado, por os conflitos se figurarem acontecimentos repletos de um potencial de interessar para o público, isto é, por se configurarem como perfeitos “valores-notícia”; por outro lado, por se configurarem um campo de interesse dos lados beligerantes sob o qual os jornalistas podem ser mobilizados ou manipulados a representarem, nas suas publicações, os interesses privados dos grupos em conflito.

A análise do trabalho dos media surge, especificamente, como uma forma de buscar responder e compreender a sua orientação em relação à reportagem de temáticas que possam ser objecto de disputa e manipulação em relação à opinião pública.

É neste quadro que este artigo analisa a maneira como os jornais SAVANA e DOMINGO reportaram o conflito político pós-eleitoral em Moçambique entre 2015 – 2016, entre a Renamo e

Governo. A análise feita às reportagens do SAVANA<sup>3</sup> e do DOMINGO<sup>4</sup>, dois semanários de circulação nacional, busca compreender o tipo de orientação dada à cobertura, nas diversas fases que o conflito atravessou.

Numa primeira parte, o estudo oferece uma visão global sobre o contexto do conflito político-militar, em Moçambique, definindo os principais marcos, notavelmente, protagonistas e motivações. O presente estudo também faz uma análise sobre os media e a cobertura de conflitos, sob a qual se estabelecem e se definem as principais variáveis de análise efectuada nos dois jornais semanários. A análise feita buscou explorar a abordagem qualitativa, buscando compreender e ilustrar os elementos que possam demarcar a cobertura de cada um dos dois jornais no contexto do jornalismo orientado para a paz ou para a guerra.

Nas suas conclusões, o artigo mostra que ainda existem lacunas na maneira como os jornalistas orientam a sua actividade na cobertura de conflitos, sobretudo pelas fragilidades de ambos os jornais em constituírem uma agenda de cobertura promotora de um diálogo efectivo e conducente à busca de soluções entre as partes em conflito.

## Metodologias da análise

O texto foi produzido mediante um estudo de caso que se baseou numa análise do discurso sobre o conflito político e militar nos jornais Savana e Domingo. A aplicação do método de análise de conteúdo fundamentou-se no facto de ele permitir interpretar a actividade dos media e o seu significado no contexto social. Como fundamenta Sousa (2007: 660), a análise de conteúdo baseia-se no conteúdo manifesto das publicações, permitindo “desvelar (. . . .) a substância de um discurso entre o mar de palavras que normalmente um enunciado possui e fazer inferências entre essa substância e o contexto em que o discurso foi produzido” (Sousa, 2007: 660).

Assim, a pesquisa toma como base os padrões de cobertura sobre conflitos militares e busca aferir, a partir dos textos publicados nos dois jornais, o tipo de orientação dado ao discurso sobre o conflito político-militar, assim como o seu significado dentro do quadro contextual da sua enunciação.

---

<sup>3</sup> O jornal Savana é um semanário de capitais e sob gestão privada, criado no período do multipartidarismo, fazendo parte do grupo dos jornais chamados “independentes”, por representarem abordagens informativas que buscam oferecer uma visão crítica, de “contra poder” e de monitoria da acção do governo.

<sup>4</sup> O jornal Domingo é um semanário de capitais mistos, detido por instituições públicas como o Banco de Moçambique, a Empresa Moçambicana de Seguros e outras que, para além de ter funcionado no período do partido único, é conotado com uma orientação de conteúdos manifestamente favorável ao partido no poder, a Frelimo, e ao Governo.

Para o efeito, definiu-se como unidade de análise os artigos do género noticioso, agregando as características principais que representem questões sobre o conflito político e militar em Moçambique. A análise do género noticioso justifica-se pelo facto de este ser o principal produto da actividade dos jornalistas. Embora não exista um limite definido, os géneros jornalísticos dividem-se em noticiosos e opinativos. Os primeiros distinguem-se pelo facto de procurarem usar uma linguagem “objectiva” na narração dos factos, procurando distanciar-se dos comentários e juízos de valores. Neste tipo, enquadram-se a notícia, a reportagem, a entrevista. Os géneros opinativos distinguem-se dos primeiros pelo facto de apresentarem os factos e um juízo valorativo sobre os mesmos. Estão inclusos nestes géneros o editorial, a crónica, o artigo de opinião e de análise (Sousa, 2001).

O corpus é constituído por unidades de análise dos jornais (Savana e Domingo) que se referem à crise política e ao conflito militar em Moçambique, no período pós-eleitoral de 2015. Em termos cronológicos, o corpus é definido a partir do anúncio dos resultados oficiais das eleições gerais de 2014, em Janeiro de 2015, em Moçambique, até 30 de Abril de 2016. Sendo um estudo qualitativo, nem todas as reportagens sobre as temáticas foram analisadas. O processo de selecção das unidades foi baseado na escolha de uma reportagem, em cada jornal, que faça alusão às seguintes temáticas<sup>5</sup> que marcaram o processo do conflito:

- 1) *Contestação do processo eleitoral de 2015;*
- 2) *Negociação da integração dos homens da Renamo nas FDM (desmilitarização da Renamo) no Centro de Conferências Joaquim Chissano;*
- 3) *A formação de um governo autónomo da Renamo no Centro e Norte de Moçambique;*
- 4) *Busca de diálogo com o PR e o Projecto de Lei das Autarquias Provinciais – Rejeição no Parlamento;*
- 5) *Retorno aos comícios, ameaças da Renamo de tomar o poder local à força – Agudização/discurso contundente/bélico da Renamo;*
- 6) *Emboscadas à comitiva da Renamo e o retorno à Gorongosa*
- 7) *Tentativas de reconciliação e regresso à Beira*
- 8) *Assalto da residência do líder da Renamo na Beira pela FIR, entrega das armas*
- 9) *Desaparecimento e silêncio de Afonso Dhlakama*
- 10) *Retorno aos confrontos entre homens da Renamo e o exército;*

Em cada uma das categorias temáticas, serão seleccionados dois artigos do género reportagem

---

Estas temáticas reflectem os principais momentos cronológicos do desenvolvimento do conflito, conforme será ilustrado no capítulo seguinte, que contextualiza o conflito político-militar em Moçambique.

ou artigo de fundo que foram publicados em edições da mesma semana nos dois jornais, DOMINGO e SAVANA, ou que versem sobre a mesma matéria.

A selecção do corpus fez-se através de uma pesquisa em cada jornal, seleccionando os artigos noticiosos da categoria reportagem ou artigo de fundo com temáticas ligadas à crise política e o conflito militar em Moçambique. A cada uma das peças seleccionadas, faz-se uma análise qualitativa, recolhendo-se os elementos de prova que permitem classificar o tipo de orientação discursiva do articulista, no quadro das características definidas sobre o jornalismo orientado para a paz e o jornalismo de Guerra.

## **O contexto do conflito político-militar em moçambique (2015–2016)**

Depois de duas décadas de uma relativa paz, desde a assinatura do Acordo Geral de Paz (AGP), a 4 de Outubro de 1992, em Roma, colocando fim a uma fratricida guerra civil que opôs o Governo da Frelimo e a Renamo durante 16 anos, Moçambique voltou a viver, a partir de 2013, um cenário de instabilidade, que tomou, nas designações dos principais meios de comunicação, o nome de tensão político-militar, com impacto negativo na vida política, social e económica do país.

Como refere Brito (2014), desde meados de 2013, temos assistido a confrontações militares que, de novo, opõem os protagonistas da guerra civil terminada em 1992. Depois de quatro ciclos eleitorais para as Presidenciais e Legislativas, em que a Frelimo foi o principal vencedor, o recurso à violência traduziu-se na incapacidade de os protagonistas construírem, consensualmente, as regras de base da convivência democrática nas condições específicas de Moçambique.

De facto, a intolerância política, a exclusão, o aumento da pobreza e das assimetrias socioeconómicas emperram em Moçambique, contrariando a ordem do crescimento económico dos últimos anos, situado na ordem dos 7% per annum, estimulado por uma promissora “indústria” de recursos minerais e hidrocarbonetos. Estes factores nunca se traduziram na melhoria das condições de vida dos cidadãos, bem como nas dos partidos políticos da oposição, cada vez mais fracos (internamente) e enfraquecidos (pelo partido-Estado Frelimo), que foram sendo marginalizados e excluídos do campo político moçambicano (Chaimite, 2014).

Um contexto de exclusão e fracos espaços de diálogo entre o governo e os partidos da oposição, em particular da Renamo, o principal derrotado nos pleitos eleitorais e um governo liderado por Armando Guebuza marcado por poucos espaços de abertura ao diálogo e da marginalização da oposição política e das vozes contrárias à sua governação podem ter empurrado a Renamo a recorrer às armas como um dos principais meios para fazer vincar as suas posições.

O início dos conflitos armados, em 2013, foi antecedido por um processo de reivindicações da Renamo que se fundamentavam na ideia de que as sucessivas derrotas eleitorais tinham como base um pacote eleitoral favorável à Frelimo e que, por isso, devia ser revisto. Por outro lado, havia a necessidade de integração dos seus quadros nas Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM) nas posições de comando que, em muitos casos, continuavam a ser marginalizados e; num outro ângulo, a necessidade da despartidarização do aparelho do Estado, que se via como uma máquina controlada pelo partido Frelimo e usada em prejuízo da oposição. Foi nesta conjuntura que as duas partes acabaram por oficializar encontros regulares, num “diálogo” que foi sempre conhecendo sucessivos impasses.

Enquanto isso, a tensão política degenerava em tensão militar e a violência não tardou. Em Abril de 2013, quatro polícias e um militante da Renamo são mortos num ataque contra uma esquadra da polícia na vila de Muxúnguè, na província central de Sofala, com a Renamo a justificar o ataque como sendo uma retaliação à invasão da sua sede no dia anterior. No mesmo período, começam os ataques na Estrada Nacional nº 1. Autocarros e camiões são incendiados. O paiol de Savane, no distrito de Dondo, província de Sofala, é atacado. Militares e civis são mortos nas incursões (Chaimite, 2014).

À medida que as eleições autárquicas de 20 de Novembro de 2013 se aproximam, intensificava-se a tensão político-militar, com o Presidente da Renamo, Afonso Dhlakama, a ameaçar dividir o país, e o então Presidente da República e Comandante em Chefe das Forças Armadas de Defesa de Moçambique, Armando Guebuza, a mandar invadir, a 21 de Outubro, a base militar da Renamo localizada em Satungira, no distrito de Gorongosa, província de Sofala, onde se encontrava instalado Afonso Dhlakama. Um eventual encontro entre Guebuza e Dhlakama, que, conforme notícia a DW (2013), se acreditava ser a solução para a crise política que se vivia no país, foi-se mostrando difícil de acontecer.

Enquanto o Presidente da República se mostrava relutante em abandonar a capital para se encontrar com Afonso Dhlakama na sua base em Satungira, este também negava sair das matas, alegadamente que, ao sair, a sua base seria atacada pelas forças governamentais que o cercavam desde que lá se tinha fixado em 2012.

Como observa Chaimite (2014), os monólogos não se quebravam, os impasses continuavam e o conflito alastrou-se e, de Gorongosa, Maríngwè e Chibabava, em Sofala, há registo de ataques, de mortes e de deslocados em Homoine e Funhalouro, na província de Inhambane, no sul do país, até que a própria Renamo anuncia abertamente que os seus homens se reagrupariam em todo país e já há informação sobre a existência destes na província nortenha de Nampula.

Em observância do calendário eleitoral de 2014, a Renamo e outros partidos políticos entraram na corrida eleitoral. A campanha eleitoral inicia a 31 de Agosto e Afonso Dhlakama só entra em cena a 16 de Setembro, devido à conclusão do acordo de paz entre o principal partido da oposição e o Governo (DW, 2014). Aliás, segundo Brito (2015), apesar de um processo de negociação política entre o governo e a Renamo, iniciado em Dezembro de 2012, o conflito duraria até 05 Setembro de 2014, data em que foi assinado um acordo de cessação das hostilidades, que foi uma versão muito simplificada do Acordo de Roma de 1992. Foi assim que em Fevereiro de 2014, a Renamo vê as suas propostas de revisão da lei eleitoral aprovadas pelo parlamento.

A 15 de Outubro realizam-se eleições gerais e a Frelimo é declarada o partido vencedor pelos órgãos eleitorais e a Renamo contesta os resultados. Afonso Dhlakama propõe a formação de um Governo de Gestão, que é recusado pela Frelimo (Notícias Sapo Mz, 2014). Neste percurso, Dhlakama ameaça e ordena aos seus deputados a não tomarem posse na Assembleia da República, numa clara pretensão de boicotar o funcionamento daquele órgão; para além de ter retornado aos comícios populares para angariar apoio dos seus militantes sobre a necessidade de a Renamo governar, em paralelo com a Frelimo, nas províncias em que ganhou as eleições.

Em Fevereiro de 2015, Afonso Dhlakama encontra-se com o já Presidente da República, Filipe Nyusi, em Maputo e, à saída do encontro, Dhlakama garante que está para “breve” o fim do boicote ao Parlamento e às assembleias provinciais, o que se confirmou posteriormente com a tomada de posse dos deputados da Renamo (DW, 2015).

No encontro com Nyusi, a Renamo tinha sido convidada a colocar as suas preocupações no parlamento, sendo que a proposta de criação das autarquias provinciais que iriam assegurar que a Renamo governasse as províncias em que saiu vencedora nas eleições se viabilizasse. A sua Proposta de Governação das “Autarquias Provinciais” é chumbada no Parlamento pelo voto maioritário do partido no poder (RM, 2015) e Dhlakama diz-se enganado por Nyusi. É que do encontro Nyusi-Dhlakama,

“resultou o entendimento de que a Renamo deveria submeter uma proposta à Assembleia da República, reflectindo a sua perspectiva sobre a partilha de poder que estava subjacente ao discurso da criação de regiões autónomas e, mais tarde, de autarquias provinciais. Imediatamente, destacados membros da Frelimo iniciaram uma campanha contra uma proposta que ainda não era conhecida, mas cujo resultado em termos de divisão do poder podiam facilmente imaginar. Estava assim aberta uma contradição entre o recém-eleito Presidente e o seu próprio partido!” (Brito, 2015: 29).



É assim que Dhlakama inicia um périplo pelas províncias do norte e centro de Moçambique, onde, em comícios populares, vai prometendo estabelecer a sua própria administração, “a qualquer momento”. A 12 e 25 de Setembro de 2015, Afonso Dhlakama é emboscado em Manica e decide regressar às matas. Um dia depois de sair das matas para retomar o processo do diálogo, Dhlakama vê a sua residência, na Beira, assaltada, a 9 de Outubro, e os seus guardas desarmados, o que precipitou o retorno de Dhlakama às matas, onde continua até hoje<sup>6</sup> (DN/pt, 2015).

Mas em princípios de 2016, Dhlakama fala a jornalistas através de teleconferência e anuncia governação para Março do ano em curso, o que não aconteceu. Volta-se a assistir à deterioração da tensão político-militar, com o retorno de ataques em Sofala, que voltam a matar, a destruir, forçando a reintrodução de escoltas militares (Notícias, 2016).

## Cobertura jornalística sobre conflitos

Compreende-se por cobertura jornalística o processo pelo qual um determinado acontecimento é transformado de uma ocorrência ao estatuto de notícia, figurando, desta forma, no discurso público. A transformação de uma ocorrência ao estatuto de notícia depende de um conjunto de procedimentos profissionais que orientam os jornalistas no processo de selecção das matérias, designado por valores-notícia.

Os valores-notícia definem-se por serem um conjunto de critérios fundados nos princípios da verdade e de interesse público sobre os quais se realiza a selecção do que deve figurar como notícia, tais como a novidade, a veracidade, o impacto, a relevância, a proeminência das pessoas envolvidas, o conflito, a sensação/emoção, a proximidade, o drama, entre outros (Grandim, 2000; Sousa, 2001).

A base fundamental da materialização e do significado dos valores-notícia está ligada à expectativa social, enraizada no reconhecimento do papel que os media assumem como prestadores de um serviço público de informação, configurando-se como um campo profissional regido pelos valores da veracidade e da honestidade. O jornalista assume, neste sentido, um lugar de emissor de informações públicas baseadas na verdade.

Um conflito político ou armado representa, pela sua natureza, uma categoria de acontecimentos que, a vários níveis, responde aos diversos critérios da noticiabilidade. Portanto, um conflito político ou armado transforma-se em matérias cujas potencialidades de cobertura pelos jornais

---

<sup>6</sup>O artigo é escrito a 15 de Junho de 2016.

são quase que certas. Pode-se, a título de exemplo, notar que os eventos da guerra constituem um conflito de interesse que gera impactos negativos sobre a sociedade, a nível económico e humano, por representarem disputas entre posições ou perspectivas de liderança social, com as quais personalidades proeminentes tomam particular destaque; também pelo facto de os conflitos representarem elementos emocionais e dramáticos no que tange aos danos que causam.

A abordagem sobre a cobertura dos conflitos é orientada pela convicção de que os media, para além de informarem, possuem um papel significativo na formação da opinião pública, sobretudo na maneira como eles agendam as temáticas para o conhecimento público, através das estruturas de selecção e enquadramento (McCombs, 2009).

O poder de agendar e influenciar a opinião pública advém do facto de os media possuírem características tecnológicas que permitem transmitir informações em simultâneo para um conjunto alargado de membros de uma determinada sociedade; para além do facto de terem, ao longo da sua história de desenvolvimento, assumido um espaço central na divulgação e na publicitação dos eventos, determinando, na maior parte das vezes, aquilo que as pessoas vão compreender como sendo os factos mais importantes da vida social (Thompson, 2005).

No entanto, a actividade da cobertura dos media é, muitas vezes, marcada por limitações, chegando momentos em que a força dos actores externos, por exemplo os políticos, cuja actividade depende da aceitação pública, captura a sua acção e os media colocam as notícias não ao serviço do público mas, sim, ao serviço de grupos de interesse que conseguem dominar os seus espaços. As notícias transformam-se, assim, não em elementos para estimular uma opinião pública informada para fazer escolhas e participar num debate frutífero mas, sim, em insumos de manipulação para orientar as pessoas a percepcionarem a realidade na medida do que os políticos pretendem para se manterem no poder ou fazerem prevalecer as suas decisões, sem que haja espaços de negociação.

Pelo facto de os conflitos representarem elementos de disputas e de discordância entre posições políticas e socialmente dominantes, mesmo sendo repletos de valores- notícia, nestes momentos, as notícias não escapam à tendência de serem usadas como objectos de defesa das posições das partes beligerantes. A literatura e a história de cobertura sobre os conflitos mostram que existem relações problemáticas entre os jornalistas e as partes em conflito, o que levou diversos autores a assumirem que, em momentos de conflitos, a verdade perde a batalha, em lugar da mentira e da propaganda (Merreti, 2004: 102).

Avaliando a maneira como os jornais se posicionam em momentos de conflitos, a distorção, a

mentira e a manipulação parecem tornar-se sinónimos do jornalismo nestes momentos, pelo menos quando se trata de narrar a guerra. Estudos mostram que as práticas da cobertura dos media, desde a Segunda Guerra Mundial, onde foram usados para a propaganda das partes beligerantes, tendem a ser as mesmas até aos momentos actuais, existindo elevados níveis de manipulação da informação, desde a edição das imagens até ao enfoque dado aos textos noticiosos (Morreti, 2004).

A cobertura dos jornalistas nos momentos de guerra despertou o interesse de vários estudos que começaram a ganhar relevância na segunda metade do século XX. Estes estudos tiveram como base duas perspectivas em que se encaixa a tendência como os jornalistas orientam a sua actividade: i) a de promotores de uma agenda informativa virada à verdade que leve a sociedade a compreender e a mobilizar-se para a solução dos problemas; e ii) uma perspectiva mais ligada à manipulação, gerando alianças com as partes em conflito.

Como se pode notar, a primeira perspectiva olha para as notícias como elementos de uma agenda cívica importante sob a qual se podem mobilizar os diversos actores para a promoção da paz, narrando os acontecimentos com verdade e ilustrando os seus impactos sociais; a segunda perspectiva é orientada para a guerra, onde os jornais se assumem como defensores das partes em conflitos, destacando-se pela sua capacidade de propaganda.

A perspectiva do jornalismo para a paz foi desenvolvida por Johan Galtung, que, em 1959, funda o Instituto Internacional de Pesquisa e Paz. Em 1964, fundou igualmente, o *Journal of Peace Research*, em Oslo, como forma de definir uma agenda oposta à cobertura orientada para o conflito/guerra. O Jornalismo para a Paz começa a ser disseminado com o artigo “A Estrutura do Noticiário Estrangeiro” (*The Structure of Foreign News*), publicado nos anos 1960, artigo no qual Galtung critica o tipo de jornalismo daquela época, que mostrava que as más notícias são mais relevantes do que as boas, considerando-se, portanto, a negatividade como um critério de noticiabilidade (Wandscheer, 2008, p. 21 – 22). No entanto, enquanto o Jornalismo de Guerra, em geral, concentra-se em eventos, reflecte a preferência da media pela violência e pelo sensacionalismo, o Jornalismo para a Paz, pelo contrário, tem o seu enfoque mais em processos de longo prazo do que em eventos pontuais (Shinar, 2009: 9).

Conforme ilustra a tabela 1, foi no “In The Peace Journalism Option” que Galtung, estudioso com uma trajectória marcada pela mediação de diversos conflitos no mundo, sistematizou as diferenças entre Jornalismo de Guerra e Jornalismo para a Paz, contrastando características, objectivos, valores e diferenciando a guerra do conflito, em quatro grandes orientações lógicas para análise comparativa, nomeadamente Guerra/Violência versus Paz/Conflito; Propaganda versus Verdade; Elites versus Pessoas/Povo e; por fim, Vitória versus Solução (Wandscheer, 2008, p. 24; Felipe, 2004, p. 11 e; Cardoso, 2003, p. 90).

JORNALISMO DE GUERRA	JORNALISMO PARA A PAZ
<p><b>I. ORIENTADO PARA A GUERRA &amp; VIOLÊNCIA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Orientação geral: “tudo-nada”, um vencedor e um derrotado (soma zero);</li> <li>* Espaço fechado, tempo fechado. Causas e efeitos no terreno do confronto. Quem atirou a primeira pedra?;</li> <li>* Tornando as guerras opacas/secretas;</li> <li>* Jornalismo de “nós-eles”. Voz para “nós”;</li> <li>* Vê “eles” como o problema (demonização de um ator/parte/etnia). Enfoque em “quem prevalece” na guerra;</li> <li>* Tratamento e abordagem superficiais e simplificadas. Converte as guerras em espectáculos (guerra ao vivo, com imagens, vinhetas, etc);</li> <li>* Desumanização “deles”. Utiliza uma linguagem bélica e estereotipada (os “terroristas” estão sempre do outro “lado”. As armas dos “outros” são o pior);</li> <li>* Reactivo: espera a violência antes de relatar;</li> <li>* Enfoque somente no efeito visível da violência (mortos, feridos e danos materiais);</li> </ul>	<p><b>I. ORIENTADO PARA A PAZ &amp; CONFLITO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Explora a formação do conflito, x partes, y metas, z temas;</li> <li>* Orientação geral: “ganho-ganho” para todas as partes envolvidas;</li> <li>* Espaço aberto, tempo aberto. Causas e resultados/ soluções em qualquer parte (também na história/cultura);</li> <li>* Tornando os conflitos transparentes;</li> <li>* Dando a voz a todas as partes. Promove empatia, entendimento e compreensão;</li> <li>* Vê o conflito/a guerra como o problema, não “eles”;</li> <li>* Enfoque na criatividade para transformar o conflito. Tratamento e abordagem mais amplos, críticos e profundos (o jornalista deve ir além do factual, sem se contentar em relatar “imparcialmente” os fatos, tendo em vista que a imparcialidade, em alguns casos, é uma forma de parcialidade). Preocupa-se com o contexto e o processo dos conflitos;</li> <li>* Humanização de todos. Uma linguagem justa e igual para todos os actores (também há “terroristas” do nosso “lado”. As armas são o pior, as “nossas” e as dos “outros”);</li> <li>* Proactivo: prevenção antes da ocorrência de violência/guerra;</li> <li>* Enfoque também em efeitos invisíveis da violência (traumas/danos psicológicos a longo prazo e glória, danos à estrutura/cultura);</li> </ul>
<p><b>II. ORIENTADO PARA A PROPAGANDA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Expõe as mentiras/falsidades “deles”. Ajuda os “nossos” encobrimentos/mentiras;</li> <li>* Divulga boatos e exageros sem averiguar nem contrastar;</li> <li>* Simplifica o contexto dos conflitos. Faz uso de estratégias como a desinformação ou a selecção tendenciosa dos factos;</li> </ul>	<p><b>II. ORIENTADO PARA A VERDADE</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Expõe as mentiras/falsidades de todos. Revela todos os encobrimentos/mentiras;</li> <li>* Averigua e contrasta a veracidade das informações antes de divulgá-las (quem são as fontes? Por quê estão me contando tal estória? Por quê querem que acredite neles?;</li> <li>* Explica o contexto dos conflitos. Não segue critérios políticos ou económicos para decidir o que será incluído e o que será deixado de fora de uma notícia (o compromisso maior é para com o público);</li> </ul>
<p><b>III. ORIENTADO PARA AS ELITES</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Enfoque na violência “deles”, no “nosso” sofrimento e em homens saudáveis das elites, convertendo-os em suas principais fontes de informação;</li> <li>* Revela só os seus malfeitores. Nomeia os “vilões” só do lado “deles”;</li> <li>* Enfoque em pacificadores das elites, silenciando outras iniciativas de paz;</li> </ul>	<p><b>III. ORIENTADO PARA AS PESSOAS/ POVO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Enfoque na violência e no sofrimento de todas as partes e destaca grupos que costumam ser silenciados ou vitimizados pelos media, como mulheres, crianças e idosos, dando voz a quem não a tem;</li> <li>* Revela todos os malfeitores. Nomeia todos os “vilões”, os “nossos” e os “deles”;</li> <li>* Enfoque em pacificadores do povo, destacando todos os grupos e pessoas que trabalham pela paz;</li> </ul>
<p><b>IV. ORIENTADO PARA A VITÓRIA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Paz = vitória + cessar-fogo;</li> <li>* Oculta iniciativas de paz antes da vitória à vista/garantida;</li> <li>* Enfoque em tratados, instituições e discurso hegemónico (sociedade controlada);</li> <li>* Vive para uma próxima guerra ou para a mesma, se a violência reacender.</li> </ul>	<p><b>IV. ORIENTADO PARA A SOLUÇÃO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Paz = não-violência + criatividade;</li> <li>* Dá proeminência às iniciativas de paz, também para prevenir mais guerra;</li> <li>* Enfoque na estrutura, cultura e discurso alternativo (sociedade pacífica);</li> <li>* Preocupa-se com os efeitos no pós-guerra, tentando promover a transformação, a resolução, a reconstrução e a reconciliação.</li> </ul>

## A orientação da cobertura do conflito político-militar em moçambique nos jornais *Savana e Domingo* (2015–2016)

### O Jornal DOMINGO e o Jornalismo para a Guerra: Da culpabilização da Renamo à Inocência do Governo

Considerando todas as peças analisadas no jornal DOMINGO, pode-se notar que este jornal adoptou uma orientação geral de “soma zero” (tudo ou nada), onde o Governo é visto como um vencedor e a Renamo o derrotado. Na sua abordagem geral, o jornal preocupa-se em estabelecer os culpados e os não culpados, sem mostrar os caminhos para a solução do problema.

Pode-se, inclusivamente, notar diversas marcas em que o jornal optou por um discurso marcado pelo “nós” (Governo/Frelimo), contra um “eles” (Renamo/Afonso Dhlakma), estes últimos que são estabelecidos como um problema, caracterizados como belicistas e com interesse de fazer prevalecer a guerra, num contexto em que existe um lado, o Governo, transformado em vítima das acções da Renamo.

Na cobertura do jornal DOMINGO subjaz uma linguagem bélica e estereotipada, quando se refere à Renamo. Trechos noticiosos como “Dhlakama perdeu oportunidade de se reconciliar com o povo” conferem evidências sobre como a orientação de “dois pesos e duas medidas” é levada a cabo pelo jornal. Nota-se ainda a primazia num jornalismo reactivo, aquele que espera a violência antes de relatar e, ainda, o enfoque no efeito visível da violência, como mortos, feridos e danos materiais.

O jornal DOMINGO dá enfoque em tratados, instituições e discursos hegemónicos, típicos de uma sociedade controlada. A título de exemplo, na sua edição de 28 de Junho de 2015, o DOMINGO, numa clara tomada de partido, transforma a assinatura de um acordo de “despartidarização” da função pública proposto pela Renamo numa obra do Governo, único interessado pela paz e estabilidade no país, de acordo com o jornal.

Buscando mostrar a culpabilidade da Renamo, e o lugar do governo como vítima, o jornal DOMINGO faz um conjunto de afirmações e adjectivações, com elevada carga emotiva, que conotam a Renamo como um partido pouco responsável e incapaz de aceitar os princípios democráticos. Afirmações como “esgotados os argumentos jurídico-políticos para a acomodação do seu interesse de governar as seis províncias que alega ter ganho nas eleições gerais de Outubro de 2014 e que proclamaram o Presidente da República...” (21.02.2016) ilustram o lugar em que são colocados os actores do conflito, sem, contudo, oferecer uma orientação em termos de

alternativas de diálogo. A carga emotiva do jornal e o enquadramento dado aos protagonistas coloca os actores em posições contrárias e motivadoras da intolerância e fraca abertura ao diálogo.

Estes enquadramentos revelam-se numa orientação à propaganda, onde o jornal reporta e classifica as acções da Renamo/Dhlakma como “mentiras/falsidades”. Em muitas ocasiões, as acusações contra os actos da Renamo são feitas a partir de depoimentos dos membros do Governo e do Partido Frelimo, sem oportunidades do contraditório à Renamo. Nesta acção, o jornal simplifica o contexto do conflito e faz o uso de estratégias como a desinformação ou a selecção tendenciosa dos factos.

Por exemplo, deixando de lado toda a conjuntura que entrava o desarmamento da Renamo, o jornal DOMINGO, na sua edição de 28 de Junho de 2015, escreve, a dado passo, que “...no quadro da desmilitarização da Renamo, que até hoje se recusa a entregar a lista dos seus homens residuais para reinserção socioeconómica...”. Ora, se a Renamo “recusa” entregar os seus homens, o DOMINGO, então, “se esqueceu” de que o Governo também “se recusou” entregar o que a Renamo chamava de “modelo claro” para a reintegração dos seus homens, assim que fossem desmilitarizados.

Típico de um jornalismo que divulga sem averiguar, que expõe as falsidades “doutro lado” e encobre as mentiras da parte que favorece, o jornal afirma que “...para além do deputado (morto) da Assembleia da República pela Renamo, o ataque de Amatongas deixou dezasseis guerrilheiros da Renamo mortos no local... refira-se, do lado dos atacantes<sup>7</sup>, não foi possível apurar se houve ou não feridos ou mortos”. Há mais afirmações que denotam essa orientação propagandística, como “...(Dhlakama não explicou)...a pretensa autodefesa dos homens que ainda mantém” (21.02.2016).

### **O jornal SAVANA: Uma tentativa de busca de um espaço discursivo alternativo e de um contra ponto à visão oficial**

Olhando para todas as categorias discursivas analisadas, dificilmente pode-se estabelecer um ponto comum da orientação discursiva do jornal SAVANA. No entanto, é possível notar que o jornal orientou-se, em muitos dos casos, na busca de um discurso alternativo ao oficial, em alguns casos, fazendo um contra ponto à visão oficial sobre o conflito.

---

<sup>7</sup> No artigo, o jornal ignora por completo o envolvimento da polícia que, à data da divulgação da matéria, já era avançado como a principal hipótese e que mais tarde veio a se provar, quando, no assalto de 9 de Outubro à residência de Afonso Dhlakama na Beira, as autoridades reivindicaram armas perdidas no ataque de Amatongas sobre o qual o DOMINGO se limita a referir-se a atacantes desconhecidos.

A reportagem baseada na análise contextual que caracteriza grande parte das publicações do SAVANA coloca-o, em certos momentos, a produzir algumas evidências de um jornalismo orientado para a confrontação das partes, promovendo uma visão orientada, em certa medida, para a busca do diálogo.

Eis alguns exemplos de reportagens do SAVANA onde a expressão da necessidade do diálogo fica vincada:

“... no referido encontro, as lideranças (Dhlakama e Guebuza) definiram os passos subsequentes com vista ao alcance de um acordo... ficou também acordado que o Presidente Guebuza iria, junto do seu partido, procurar convencer a ala dura a viabilizar os entendimentos em nome da estabilidade. A mesma missão ficou também com o Presidente da Renamo” (30.01.2015). Como se depreende, para o SAVANA, há “alas duras” em ambos os lados e é preciso convencê-las para a causa da paz. Não se trata de convencer apenas um lado.

“... a actual tensão política poderia ser ultrapassada por via de um diálogo directo entre o líder da Renamo e o Presidente da República” (SAVANA, 02.10.2015).

No entanto, se, por um lado, se encontram indícios de uma prática de um jornalismo orientado para o diálogo, por outro lado, pode-se encontrar alguns elementos no mesmo jornal em que se assumem posições sob as quais o governo se afigura como uma parte pouco interessada pelo diálogo: “...os ataques à Renamo e ao seu líder têm em vista reduzir as iniciativas de paz de Nyusi e impedir que o PR faça concessões simpáticas ao maior partido da oposição” (SAVANA, 23.10.2015).

Uma característica relevante das reportagens do SAVANA é a busca da inclusão de opiniões diferentes das posições oficiais, mostrando a sua capacidade de abertura de espaço para a confrontação de ideias contrárias à visão oficial e que, em algumas ocasiões, apontam os caminhos para as soluções.

Algumas das reportagens do jornal oferecem elementos de contraste e, em certos momentos, situando-se distante dos dois actores em conflito. Este facto pode-se notar nos seguintes extractos:

“... as duas delegações<sup>8</sup> mostram-se cada vez mais longe de lograr consensos para colocar um ponto final neste assunto, que deverá culminar com a reintegração dos homens residuais da Renamo nas fileiras das FADM, PRM e na vida económica e social” (SAVANA, 30.01.2015).

“o primeiro ataque a uma entidade governamental, atribuído a homens armados da Renamo, ocorreu um dia depois das rusgas policiais à sede do movimento em Maputo e às duas casas do líder Afonso Dhlakama, que avisou horas depois que vai responder politicamente à ação das autoridades” (SAVANA, 01.04.2016). Como se depreende, não há, neste trecho, “filhos” e “enteados”.

Na sua edição de 02 de Janeiro de 2015, logo após a divulgação final pelo Conselho Constitucional (CC) dos resultados da votação de 15 de Outubro de 2014, o SAVANA, num artigo cuja capa tem como título “Relâmpagos e Trovoadas” e antetítulo “CC dá Veredicto e Meteorologia Avisar”, mais do que uma simples transcrição das reacções das partes envolvidas no conflito, principalmente contextualiza a relação entre as eleições e o conflito, extravasando o simplismo.

“Vamos ver quem vai ajoelhar”, Afonso Dhlakama (in SAVANA, 15.01.2015).

“A vitória foi conquistada...”, reacção de Armando Guebuza (in SAVANA, 15.01.2015).

“Não ensaiamos modelos democráticos”, Filipe Nyusi (in SAVANA, 15.01.2015).

Nota-se que, mais do que transcrever essas reacções, o jornal trata de interpretá-las e fundamentar o seu alcance no quadro do conflito pós eleitoral, em particular, e no conflito político-militar, em geral. Em alguns casos, o jornal SAVANA tem uma orientação de “ganho-ganho” para as partes envolvidas, neste caso o Governo e a Renamo.

O SAVANA, apesar de algumas excepções, tende a ver o conflito/guerra como um problema social e não de uma parte particular em conflito. O jornal oferece algum nível de tratamento e abordagens mais amplos, críticos e profundos, humanizando e usando uma linguagem igual para todos os lados, tanto apontando os erros da Renamo como do Governo.

No lugar de esperar que a violência/guerra aconteça para depois reportar, o SAVANA pauta por um jornalismo preditivo e de prevenção e, às vezes, com enfoque também nos efeitos invisíveis da violência, como traumas/danos psicológicos.

São ilustradores dessa orientação jornalística trechos como:

“a falta de clareza em torno do diálogo secreto que a Renamo vinha levando a cabo com a Frelimo a fim de estabelecer um acordo eleitoral está a encalhar o diálogo político entre o Governo moçambicano e o maior

---

<sup>8</sup> E não apenas a da Renamo que, tratando-se do jornal DOMINGO, seria o “vilão” (culpado) exclusivo da estória.



partido da oposição no Centro de Conferencias Joaquim Chissano” (30.01.2015);

“ os dois encontros serviram para quebrar o gelo e desanuviar o ambiente politicamente tenso que reina em Moçambique” (13.02.2015), ou, ainda,

“ a acção armada é, talvez, desde o ataque de Chibata (Macossa), a 12 de Setembro, o mais sério recuo à possibilidade das partes voltarem à mesa do diálogo e/ou um encontro entre o líder da oposição e o Presidente da República” (02.10.2015).

## DOMINGO e SAVANA: o vício do jornalismo elitista

De uma forma geral, tanto o DOMINGO como o SAVANA tendem a orientar as suas coberturas nas figuras do Presidente da República e da Renamo, assim como a pessoas das elites. Nos artigos analisados em ambos os jornais, são poucas as evidências de publicações sob as quais a orientação buscou, de forma sistematizada, basear-se em vozes de pessoas comuns, demonstrando as suas preocupações e visões sobre o conflito.

Para além de Armando Guebuza (Presidente da República até 2014), Filipe Nyusi (actual Presidente), fontes como José Pacheco, ministro da Agricultura<sup>9</sup> e então Chefe da equipa governamental no diálogo com a Renamo, de 2013-2015, Saimone Macuiane, Chefe da delegação da Renamo, António Muchanga, porta-voz do Presidente da Renamo e, mais tarde, porta-voz do partido, Lourenço do Rosário e Dom Dinis Sengulane, mediadores do diálogo entre as duas partes, Verónica Macamo, deputada da Frelimo e Presidente da Assembleia da República, Eliseu Machava, Secretário Geral da Frelimo, José Manteigas, deputado da Renamo, Edson Macuacua, deputado da Frelimo e Presidente da Comissão dos Assuntos Constitucionais, Direitos Humanos e da Legalidade, Lucas Chomera, deputado da Frelimo e Presidente da Comissão da Administração Pública e Poder Local, Raúl Domingos, antigo negociador-chefe do Acordo Geral de Paz pela Renamo e Daviz Simango, Presidente do Movimento Democrático de Moçambique (a terceira maior força política do país) e edil da Beira (a segunda mais importante cidade moçambicana, depois de Maputo), são algumas das fontes de informação mais recorrentes nos dois jornais, sendo que as fontes governamentais e da Frelimo tiveram mais eco no DOMINGO, enquanto as críticas ao Governo ou mesmo a oposição, ela própria, desfilaram mais no SAVANA. Neste contexto, pode-se concluir que as reportagens ou notícias no jornal Domingo têm mais os membros do governo ou do partido Frelimo por influenciarem a sua aceitabilidade como figuras públicas ou políticos.

### V. Considerações finais

A análise da cobertura jornalística da tensão político-militar em Moçambique, precisamente no período compreendido entre Janeiro de 2015 e Maio de 2016, pelos semanários SAVANA e

<sup>9</sup> Com a chegada de Nyusi ao poder, acrescentou-se ao Ministério, a partir de 2015, a designação “Segurança Alimentar”.

DOMINGO, foi realizada à luz de quatro orientações que diferenciam o Jornalismo para a Paz e o Jornalismo de Guerra.

Os dados recolhidos nos jornais DOMINGO e SAVANA e a análise feita, embora exploratória, evidenciam fragilidades da reportagem, de forma geral, e a exiguidade de uma cobertura equilibrada e que se oriente para a conciliação. Se, por um lado, o jornal DOMINGO orienta um discurso de culpabilização da Renamo pelo conflito, onde o governo se afigura como vítima, o SAVANA constitui-se como um contraponto, mesmo que não declarado, de uma visão de factos que buscam ilustrar um discurso contrário ao oferecido pelo Governo.

A partir dos dados apresentados sobre o jornal DOMINGO, pode-se, de forma evidente, verificar a sua total tendência para a construção de um discurso com enquadramentos orientados para a Guerra, em ilustrações que busca ilustrar os culpados (A Renamo). O jornal simplifica o contexto dos conflitos e, às vezes, recorre a estratégias como a desinformação ou a selecção tendenciosa dos factos.

Enquanto o SAVANA procura ser, em termos gerais, mais moderado, com abordagens que se enquadram na perspectiva teórica do Jornalismo para a Paz, o DOMINGO, por seu turno, tende a pautar por um Jornalismo de Guerra, consubstanciado por um tratamento desigual e diferenciado dos actores, sob o qual a Renamo e o seu Presidente são hostilizadas.

Por seu turno, o SAVANA é um jornal que se assume como um espaço alternativo ao discurso oficial que, em alguns momentos, busca elementos alternativos conducentes ao diálogo; no entanto, sem ser efectivo na possibilidade de um discurso equilibrado, em que o Governo e a Renamo apareçam na mesma medida. Isto é, embora em algumas ocasiões se busquem outros actores sociais que discutam sobre o conflito, sobretudo a sociedade civil, o SAVANA ilustra a sua tendência de constituir-se como uma voz oposta à uma visão oficial dos factos. Pode-se, finalmente, dizer que agregados certos elementos, como a capacidade de humanização das histórias e o uso de fontes de informação não elitistas, o SAVANA poderia aproximar-se a uma agenda orientada para a paz.

As análises realizadas revelam ainda a necessidade de um trabalho muito aprofundado no sentido de garantir uma maior consciência dos profissionais da comunicação social nas abordagens sobre conflitos. Estas abordagens deverão realçar o seu papel na construção de uma agenda pública que estimule uma maior aproximação e diálogo transparente entre os diversos seguimentos da sociedade.

## VI. REFERÊNCIAS

Cardoso, Anelise Zanoni (2013). Jornalismo Para a Paz ou para a Guerra: o refugiado na cobertura jornalística

brasileira. Porto Alegre: (s.ed.), 2013. (Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PPGCOM/UFRGS como requisito parcial para obtenção do título de doutor). Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/105023>>. Data de acesso: 15 de Maio de 2015.

Dos Santos, José (2015). Em Directo da Guerra: o impacto da guerra do golfo no discurso jornalístico. Lisboa: (s.ed.), (s.d.). Disponível em <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/mediajornalismo/article/viewFile/6119/5579>>. Data de acesso: 15 de Maio de 2015.

Felippe, Vanessa (2004). Correspondentes de paz: o “Jornalismo para a Paz” como hipótese. Coimbra: (s.ed.), 2004. (Este artigo foi apresentado no VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, 16, 17 e 18 de Setembro de 2004). Disponível em <[www.ces.uc.pt/lab2004/inscriçao/pdfs/painel19/vfelippe.pdf](http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscriçao/pdfs/painel19/vfelippe.pdf)>. Data de acesso: 14 de Abril de 2015.

Grandim, Anabela (2000). Manual de Jornalismo. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Acessível em <[http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/gradim\\_anabela\\_manual\\_jornalismo.pdf](http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/gradim_anabela_manual_jornalismo.pdf)> Data de acesso: 25 de Julho de 2011.

McCombs, Maxwell (2009). Um panorama da teoria do agendamento, 35 anos depois de sua formulação. Entrevista concedida a José Afonso da Silva Júnior, Pedro Paulo Procópio, Mónica dos Santos Melo. In *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, V. 31, nº 2, Jul./Dez. 2008, pp. 204 – 221. Disponível em <<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewFile/5502/5000>> Data de Acesso: 27 de Abril de 2009.

Moretti, Marco Aurélio (2004). A ética no jornalismo: o jornalismo em tempos de guerra. In *Cenários da Comunicação*. São Paulo: UNINOVE. Disponível em <[www.spell.org.br/documentos/download/23609](http://www.spell.org.br/documentos/download/23609)>. Data de acesso: 14 de Abril de 2015.

Neves, Teresa Cristina da Costa. s.ed. A dramatização no telejornalismo. (s.l.): (s.ed.), (s.d.). Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/caligrama/article/download/56696/59725>>. Data de acesso: 15 de Maio de 2015.

Shinar, Dov (2009). Jornalismo de guerra e de paz no Oriente Médio. São Paulo: (s.ed.), 2009. (Este artigo é fruto da transcrição de uma palestra proferida por Dov Shinar na Faculdade Cásper Líbero em 21/08/2009). Disponível em <[www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/viewFile/.../6123](http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/viewFile/.../6123)>. Data de acesso: 14 de Abril de 2015.

Sousa, Jorge Pedro (2001). Elementos do Jornalismo Impresso. Porto: Universidade Fernando Pessoa. Acessível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>> Data de acesso: 25 de Julho de 2011.

Thompson, John (2005). “The new visibility”, *Theory, Culture & Society*, Vol. 22(6): 31-51.

Traquina, Nelson (2007). *O que é jornalismo*. 2ª ed. Lisboa: Quimera Editores.

Wandsheer, Lisiane (2008). Análise da Cobertura Jornalística do Crime Organizado nos Jornais Folha de São Paulo e Globo com9

Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social). Disponível em, <[tede.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1348](http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1348)> Data de acesso: 20 de Abril de 2015

Brito, Luís (2014). Uma Reflexão Sobre o Desafio Da Paz em Moçambique. In *Desafios para Moçambique 2014 (IESE)*. Maputo.

Brito, Luís (2015). Alguns Desafios do Presidente Nyusi. In *Desafios para Moçambique 2015 (IESE)*. Maputo.

Chaimite, Egídio (2014). Indignai-vos! In *IDEIAS*. IESE. Maputo.

Diário de Notícias/PT. Polícia Invade Casa de Dhlakama na Beira. Disponível em <<http://www.dn.pt/mundo/interior/policia-invade-casa-de-dhlakama-na-beira-4825406.html>>. Data de acesso: 13 de Maio de 2016.

Deutsche Welle. Dhlakama encontra-se com Guebuza se exército sair da Goronosa. Disponível em <<http://www.dw.com/pt/dhlakama-encontra-se-com-guebuza-se-exercito-sair-da-gorongosa/a-16927983>>Data de acesso: 13 de Maio de 2016.

Deutsche Welle. Dhlakama entra na campanha eleitoral de Moçambique com comício em Chimoio. Disponível em <<http://www.dw.com/pt/dhlakama-entra-na-campanha-eleitoral-de-mocambique-com-comicio-em-chimoio/a-17923294>>Data de acesso: 13 de Maio de 2016.

Deutsche Welle. Dhlakama e Nyusi satisfeitos com primeiro frente-a-frente. Disponível em <<http://www.dw.com/pt/dhlakama-e-nyusi-satisfeitos-com-primeiro-frente-a-frente/a-18244542>>Data de acesso: 13 de Maio de 2016.

NOTÍCIAS. Três Feridos em Ataques da Renamo em Sofala. Disponível em <http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/politica/50899-tres-feridos-em-ataques-da-renamo-em-sofala>. Data de acesso: 30 de Maio de 2016.

Rádio Moçambique. Assembleia da República Chumba Projecto de Lei das Autarquias Provinciais. Disponível em <<http://www.rm.co.mz/index.php/home-2/item/11197-assembleia-da-republica-debate-projecto-de-lei-das-autarquias-provinciais>> Data de acesso: 13 de Maio de 2016.

Radenovic, Milan Rados (s.d) Opinião Pública Mundial: Formar ou Manipular, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. <http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/viewFile/614/pdf> data de Acesso: 14 de Junho de 2016.

#### LISTA DOS JORNAIS ANALISADOS

- Jornal DOMINGO. Chumbadas “Autarquias Provinciais” por Vícios Jurídicos Insanáveis. Maputo. 03/05/2015.  
 Jornal DOMINGO. Quando a Pressa é Inimiga da Perfeição. Maputo. 05/05/2015.  
 Jornal DOMINGO. Filipe Nyusi é Novo Presidente da República. Maputo. 04/01/2015.  
 Jornal DOMINGO. Foi Dado Um Passo Gigantesco em Direcção à Paz. Maputo. 11/10/2015.  
 Jornal DOMINGO. Renamo Pela Paz no Parlamento mas Volta a Matar. Maputo. 21/02/2016.  
 Jornal DOMINGO. Dhlakama Atacado por Desconhecidos em Amatongas. Maputo. 27/09/2015.  
 Jornal DOMINGO. Anteprojecto de Regiões Autónomas Vai ao Parlamento. Maputo. 15/02/2015.  
 Jornal DOMINGO. Aprovada “despartidarização” da Função Pública. Maputo. 28/06/2015.  
 Jornal SAVANA. Da Parte Incerta ao Desarmamento. Maputo. 16/10/2015.  
 Jornal SAVANA. Comitiva Governamental Atacada. Maputo. 01/04/2016.  
 Jornal SAVANA. “Nyusi é Mais Aberto e Humilde – Afonso Dhlakama clarifica entendimentos ao SAVANA”. Maputo.13/02/2015.  
 Jornal SAVANA. O Novo Silêncio de Dhlakama. Maputo. 23/10/2015.  
 Jornal SAVANA. Dhlakama disposto a reeditar Satunjira. Maputo. 23/10/2015.  
 Jornal SAVANA. Acordo Eleitoral Encalha Diálogo. Maputo. 30/01/2015.  
 Jornal SAVANA. “Relâmpagos e Trovoadas”. Maputo. 02/01/2015  
 Jornal SAVANA. Dhlakama dá 60 Dias a Nyusi. Maputo. 15/05/2015.  
 Jornal SAVANA. Há Planos para Assassinar Dhlakama? Maputo. 02/10/2015



# Coal Mining and Impact in Local Economy Of Moatize, 1977/82 – 2007/12: repetition of history?<sup>1</sup>

Nelson Tivane<sup>2</sup>

## Abstract

Mozambique's economy has become one of the most attractive economies within SSA (Sub-Saharan Africa). The country, like many other developing countries, is rich in natural resources. In the past three decades, the existence of extensive coal reserves and land for agriculture attracted a wide number of private investments, from multinational companies to PPP (public and private partnership). Although involving different actors and contexts, the exploitation of these resources, especially coal, has evolved for more than one century. Overall, recent researches are focused on effects of these activities – coal mining—at the macroeconomic level. This article analysis how coal mining affects the trends of employment and preserves the agricultural production in Moatize, Tete province,

Keywords: coal mining, employment and agrarian production.

Palavras-chave: Media, Conflitos, Paz, Moçambique.

---

<sup>1</sup>This article was presented at the IV International Conference of the Institute of Social and Economic Studies (IESE), August 2014, Maputo. The Portuguese version had comments from Professor Luis de Brito, Senior Research at IESE. It resulted from extracts of a written monograph for BA Hons ("The Impact of Mining on Employment and Economic Production of Local Communities in Moatize 1978-2007/2012") Degree in History. This translation was made by the Author, for St Antony's College of Oxford, and was proofread by Professor David Hedges from History Department at UEM.

<sup>2</sup>Nelson Tivane has a BA Honours in History and a Master in Human Rights, Economic Development and Good Governance. He also has a certificated online MicroMaster Program in Anthropology. He is the founder of C&C's Social Research and Consulting, Lda ([www.ccsconsultingmoz.com](http://www.ccsconsultingmoz.com)). Currently, he is working as Research and Unit Training Officer at Oxfam Novib Mozambique.